



REVISTA OFICIAL DO COMITÉ PARALÍMPICO DE PORTUGAL

PARALÍMPICOS

EDIÇÃO 08 / MAR. a MAI. 2021

TRIMESTRAL - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



JOSÉ MANUEL LOURENÇO, PRESIDENTE DO COMITÉ PARALÍMPICO DE PORTUGAL

“OS ATLETAS QUE VÃO A TÓQUIO ESTÃO NO PATAMAR DA EXCELÊNCIA”

A capacidade de superação dos atletas, a excelência com que todos devem encarar a preparação para Tóquio 2020 e os desafios do presente e do futuro numa Grande Entrevista ao Presidente do Comité Paralímpico de Portugal.

RUMO A TÓQUIO >
A Chama Paralímpica

A MINHA HISTÓRIA >
Diogo Cancela, Natação

EM FOCO >
Instalações desportivas
de Tóquio 2020

AGENDA >
Tóquio aqui tão perto

Perspetiva da medalha
de ouro dos Jogos Paralímpicos
Tóquio 2020





Editorial

Missão: (Im)possível!

Os elevados níveis de incerteza que antecedem a XXXII Olimpíada garantem, desde já, que os Jogos de Tóquio ficarão registados na história como os mais desafiantes jamais realizados. A extraordinária operação económica e logística que tornou possível à maior metrópole do planeta preparar-se para acolher a mais grandiosa celebração desportiva global já seria, em condições “normais”, uma demonstração clara da proverbial capacidade nipónica de planeamento e execução. Contudo, com o alastramento geográfico da pandemia, o inevitável adiamento dos Jogos para 2021 tornou-se não apenas o mais icónico sintoma dos múltiplos impactos espoletados pela Covid-19 a nível mundial: transformou a sua (re) organização numa façanha digna do próprio Hércules, que criou as Olimpíadas na antiga Grécia, em homenagem a Zeus, seu pai, rei dos deuses, senhor dos céus e dos relâmpagos.

A mesma exigência recaiu sobre as diferentes Missões Paralímpicas que irão a jogo, embora de forma diferenciada. É evidente que o contexto pandémico condicionará a forma como as competições decorrerão no Japão onde, apesar de tudo, as equipas estarão sujeitas a condições relativamente similares entre si. Mas, pelo contrário, a preparação dos atletas tem sido afetada de forma assimétrica nos vários países, atendendo à variável severidade da incidência da pandemia ou à resiliência do respetivo sistema desportivo nacional, entre outros fatores. Sendo certo que também a sorte e o azar farão parte da história da participação desportiva nestes Jogos, não poderão justificar os resultados obtidos nos recintos de competição. E serão estes que deverão contribuir para uma reflexão abrangente, assertiva e consequente acerca da relevância do Desporto na (nossa) sociedade. Porque fazemos parte dos que acreditam que esta extravasa, em muito, a dimensão da superação física e mental exibida pelos agonistas em confronto competitivo.

Esta convicção encontra-se, inclusivamente, na génese da pioneira ideia da Casa da Lusofonia, espaço de partilha e celebração das culturas lusófonas, planeado para acolher durante a Paralimpíada, sob um mesmo teto, os Comitês Paralímpicos Nacionais de Língua Portuguesa, numa privilegiada localização em Tóquio. Quis Tikhe, a deusa grega da fortuna, adiar um inspirador sonho que, pela força do seu conceito, estou certo terá concretização ulterior.

Diz-se que um raio nunca cai duas vezes no mesmo sítio. No entanto, para o Comité Organizador Local dos Jogos de Tóquio, que desde a constituição exibiu uma confiança inabalável na milimétrica antevisão dos diferentes cenários possíveis, a necessidade de suspender a realização dos Jogos, e fazê-los acontecer um ano mais tarde foi o equivalente a ser atingido não por um, mas por dois relâmpagos. E dos fortes, dado que os quilómetros que separam Portugal do Japão são facilmente ultrapassáveis em comparação com a distância que separa os nossos dois povos quanto à capacidade de trabalhar com um apreciável grau de incerteza - e esta é a primeira de apenas duas certezas que levarei na bagagem para os próximos Jogos.

Sendo a segunda a galhardia com que, neste exigente contexto, os Paralímpicos Portugal mostrarão novamente ao mundo, e ao nosso país, que o que parece impossível é apenas (mais) um desafio a superar.

Estejam os Deuses connosco.

Sandro D. Araújo
Vice-Presidente do Comité Paralímpico de Portugal

ÍNDICE

09

**PARCEIROS
E PATROCINADORES**



Miraitowa e Someity, as mascotes dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio, respetivamente.

© Tokyo2020

**PARALÍMPICOS
NAS REDES SOCIAIS**

Principais publicações dos nossos atletas

10 15

RUMO A TÓQUIO
A Chama Paralímpica

EDITORIAL

03 06 12 16

FLASH

Notícias em destaque neste trimestre

OPINIÃO

Manuel Costa e Oliveira
Secretário-Geral do
Comité Paralímpico de Portugal

A MINHA HISTÓRIA

Diogo Cancela
Natação

18

GRANDE ENTREVISTA

José Manuel Lourenço
Presidente do Comité
Paralímpico de Portugal

32

A FECHAR

Luís Figueiredo
Diretor Executivo da Missão
Paralímpica Tóquio 2020

24

EM FOCO

Instalações Desportivas
de Tóquio 2020

34

AGENDA

PARALÍMPICOS
PORTUGAL

Estatuto Editorial A Parálímpicos é a revista oficial do Comité Paralímpico de Portugal, com carácter trimestral e editada com pleno respeito pelos princípios da liberdade de expressão e de informação presentes na Constituição da República Portuguesa. A Parálímpicos é apresentada nos formatos de papel e/ou online nos canais de comunicação do Comité Paralímpico de Portugal e pauta-se pela total independência política e religiosa e por critérios jornalísticos de rigor e isenção. A Parálímpicos pretende ainda constituir-se como um portal de divulgação do movimento paralímpico e surdolímpico, contemplando todas as modalidades e valorizando os valores fundamentais do Comité Paralímpico de Portugal: Igualdade, Inclusão e Excelência Desportiva.

Diretor **José Manuel Lourenço** Diretor Adjunto **Sandro D. Araújo** Redação **Diogo Taborda** Fotografia **David Barros** Marketing e Publicidade **Catarina Grachat** Arte e Design Gráfico **Bunker Agency** Propriedade **Comité Paralímpico de Portugal** NIPC do Proprietário **507 805 259** Sede do Editor e da Redação **Rua do Sacramento, 4, R/C - 2670-372 Loures** Impressão **Onda Grafe** Morada do Impressor **Rua da Serra, n.º1 - 2660-202 St.º Antão do Tojal** Tiragem **1000 exemplares** Periodicidade **Trimestral** Depósito Legal **445904/18** Registo **ERC 127209**

Distribuição Gratuita - Venda Proibida

Todos os textos desta edição foram escritos segundo o novo Acordo Ortográfico. 2019 © Interditada a reprodução de textos e imagens por quaisquer meios.

FLASH



Segunda Cimeira aprova novas propostas para o setor desportivo

A 2ª Cimeira das Federações Desportivas que decorreu a 12 de janeiro com a presença quer no Pavilhão Multiusos de Odivelas, quer por videoconferência, de um elevado número de federações desportivas, aprovou por unanimidade a moção “Juntos pelo Desporto”. O documento tem como temas fundamentais a Retoma das Atividades do Desporto Federado em Segurança, a Sustentabilidade do Modelo Desportivo e Valorização Social do Desporto, o Turismo Desportivo, o Sistema Fiscal, o Impacto Económico e Financeiro do Setor e a Mobilização Desportiva e foi apresentado posteriormente ao Governo. Na sua intervenção de abertura o presidente do Comité Olímpico de Portugal, José Manuel Constantino, defendeu que o desporto e o movimento associativo não podem ficar de fora dos apoios que o governo tem previstos para

apoiar os diversos setores da sociedade, sob pena de grande parte do tecido desportivo desaparecer. Já o presidente do Comité Paralímpico de Portugal, José Manuel Lourenço, destacou a convergência que tem existido entre o COP, o CPP e a CDP, o que tem permitido a apresentação de soluções de transversais ao desporto nacional. A encerrar a sessão Carlos Paula Cardoso, presidente da Confederação do Desporto de Portugal, defendeu que o movimento associativo deve cumprir as normas da DGS, mas também deve ter a capacidade de mostrar junto da DGS que o desporto tem especificidades que devem permitir manter o seu normal funcionamento. Foram ainda aprovadas duas recomendações apresentadas por Jorge Vieira, presidente da Federação Portuguesa de Atletismo. Foi recomendada a organização anual da Cimeira das Federações

Desportivas e a organização anual de uma Convenção de diretores técnicos nacionais de todas as modalidades desportivas, “tendo em vista, em ambos os momentos um acompanhamento do desenvolvimento nacional devidamente integrado e holístico”.

A 2.ª Cimeira das Federações Desportivas foi promovida pelo Comité Olímpico de Portugal, Comité Paralímpico de Portugal e Confederação do Desporto de Portugal e contou nesta sua segunda edição com a adesão da Comissão de Atletas Olímpicos, Comissão de Atletas Paralímpicos e Confederação de Treinadores de Portugal. O Conselho Nacional de Associações dos Profissionais de Educação Física e Desporto e a Associação dos Atletas Olímpicos de Portugal participaram na qualidade de observadores.

Grand Prix do Dubai com cinco pódios portugueses

A participação portuguesa no Fazza International Championships, realizado no Dubai, terminou no dia 13 de fevereiro com cinco lugares de pódio para os atletas nacionais. O primeiro Grand Prix promovido pela World Para Athletics desde o início da pandemia teve Lenine Cunha a conquistar o ouro no salto em comprimento T20 com 6,45 metros, Hélder Mestre a assegurar a prata nos 200 metros T51 com 46.87 segundos e o bronze nos 100 metros T51/52 com 24,75 segundos e Mário Trindade a arrecadar o 2.º lugar nos 100 metros T51/52 com 19.20 segundos e a medalha de bronze nos 400 metros T52 com 1:13,64 minutos.



Taça do Mundo de Tiro adiada

A Taça do Mundo de Tiro World Shooting Para Sport (WSPS) de Lima, no Perú, inicialmente agendada para o mês de maio foi adiada para o período de 10 a 19 de junho. Esta é a última prova do calendário internacional da modalidade que conta para a qualificação para os Jogos Paralímpicos Tóquio 2020.



Jogos Surdolímpicos adiados para 2022

A organização dos Jogos Surdolímpicos Caxias do Sul 2021 confirmou o adiamento da competição para 2022 devido às restrições causadas pela pandemia Covid-19. O evento inicialmente previsto para 5 a 21 de dezembro de 2021 foi reagendado e decorrerá entre 1 e 15 de maio de 2022 no mesmo local, a cidade de Caxias do Sul, no Brasil. A decisão conjunta tomada pelo Comitê Internacional de Desportos para Surdos (ICSD) e pelo Comitê Organizador da 24.ª Edição de Jogos Surdolímpicos de Verão visa, segundo comunicado publicado no sítio oficial do órgão máximo do desporto surdolímpico mundial, "salvaguardar a saúde dos atletas, de todos os envolvidos na competição e da comunidade internacional". A competição terá a participação de mais de 4.000 atletas de cerca de 100 países, distribuídos pelas 21 modalidades do calendário competitivo. Portugal conquistou até à data 11 medalhas em Jogos Surdolímpicos.



Miguel Monteiro bate recorde do mundo no lançamento do peso

O atleta paralímpico Miguel Monteiro bateu no dia 21 de fevereiro o recorde do mundo do lançamento do peso da classe F40 com a marca de 11,01 metros. O atleta de 20 anos de idade superou a sua anterior melhor marca pessoal de 10,70 metros no decorrer do Torneio de Preparação que decorreu em Pombal a par dos Campeonatos de Portugal de Provas Combinadas em pista coberta.

O anterior recorde mundial, situado nos 10,88 metros, pertencia aos lançadores Garrah Thnash (Irão) e ao Denis Gnezdilov (Rússia). Com esta marca Miguel Monteiro sobe ao primeiro lugar do ranking mundial do lançamento do peso F40.



Seiko Hashimoto assume presidência do Comitê Organizador de Tóquio 2020

A Ministra japonesa para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, Seiko Hashimoto, foi designada presidente do Comitê Organizador dos Jogos de Tóquio 2020, substituindo no cargo o seu antecessor Yoshiro Mori, que se demitiu após declarações sexistas. "Não vou poupar esforços para que os Jogos de Tóquio sejam um sucesso", disse Hashimoto após a sua nomeação, acrescentando o desejo de que o público japonês e global "sinta que os Jogos Olímpicos e Paralímpicos serão seguros". Com esta nomeação, Seiko Hashimoto, que também desempenhava funções de Ministra de Estado para a Igualdade de Género e

Ministra Responsável pelo Empoderamento da Mulher, apresentou a demissão dos cargos de ministra ao primeiro-ministro japonês, Yoshihide Suga. O Presidente do Comitê Paralímpico Internacional (IPC), Andrew Parsons, já felicitou Seiko Hashimoto pela nomeação e destacou a sua esperança de que a nova Presidente do Comitê Organizador de Tóquio 2020 possa entender os Jogos como "uma plataforma para avançar na agenda da diversidade e da inclusão, não apenas em termos de género, mas também de sexualidade, raça e, principalmente, das pessoas com deficiência".

OMS lança novas recomendações para a atividade física

A Organização Mundial de Saúde (OMS) lançou no final do ano de 2020 novas recomendações para a atividade física e comportamento sedentário, onde se incluem orientações específicas para pessoas

com deficiência. Estas recomendações foram agora traduzidas para a língua Portuguesa pelo Programa Nacional de Promoção da Atividade Física (PNPAF-DGS). As recomendações são

individualizadas para crianças e adolescentes (5 a 17 anos), adultos (18 a 64 anos), idosos (65 anos ou mais), mulheres grávidas e no pós parto, adultos e idosos com doenças crónicas (18 anos ou mais),

crianças e adolescentes (5 a 17 anos) com deficiência e adultos (18 ou mais) com deficiência e sublinham de forma fundamental a importância de cada movimento.



MOVIDOS PELA ÁGUA, MOVIDOS PELO FUTURO.

O desporto promove a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida. O Grupo AdP - Águas de Portugal integra estes valores na sua missão de prestar serviços públicos de abastecimento de água e de tratamento de águas residuais. É um compromisso que assumimos desde o início e que mantemos para com as gerações futuras.

Através do apoio ao Comité Paralímpico de Portugal ajudamos a materializar oportunidades: para que tod@s possam também cumprir os seus objetivos e ser protagonistas no nosso futuro.

O futuro move-nos.

f @adp.aguasdeportugal
www.adp.pt



Vitalis
ÁGUA MINERAL NATURAL

PARA QUEM TEM SEDE DE IR MAIS ALÉM

Junta-te a Vitalis no apoio
ao Movimento Paralímpico.



PARCEIROS E PATROCINADORES



**Presidente da Câmara
Municipal de Loures**
Bernardino Soares



**Presidente da Junta
de Freguesia de Loures**
Orlanda Rodrigues

O que representa para a instituição a parceria estabelecida com o Comité Paralímpico de Portugal?

A Câmara de Loures tem muito orgulho em poder apoiar o CPP no trabalho notável que desenvolve na promoção do desporto adaptado. O Município de Loures tem sido um parceiro constante e presente no movimento paralímpico português, estando certo que o nosso empenhamento tem contribuído também para o sucesso do CPP no desenvolvimento de um trabalho sustentado e estruturado.

Esta parceria é da máxima importância, uma vez que a promoção da inclusão social e desportiva dos cidadãos portadores de deficiência deve estar inscrita, cada vez mais, nas preocupações autárquicas, contribuindo para uma sociedade sem barreiras, sejam físicas ou sociais. A promoção da coesão e inclusão social sendo uma das missões do Comité Paralímpico de Portugal, deverá também ser uma missão das autarquias, pelo que esta parceria responsabiliza orgulhosamente a Junta de Freguesia de Loures nesta causa.

Qual a relevância do desporto para pessoas com deficiência na política desportiva implementada pela instituição a que preside

Além da parceria que mantemos e temos reforçado com o CPP, o Município de Loures tem na promoção e divulgação do desporto adaptado uma das linhas de trabalho da política municipal de desporto. São exemplos dessa prioridade o impulso e apoio dado pela Gesloures, com resultados reconhecidos na natação, a instituição do Dia Paralímpico Municipal onde se promovem e dão a conhecer as modalidades, mas também a inclusão nas nossas políticas de apoio incentivo à criação de oferta desportiva. Em Loures, o Regulamento Municipal de Apoio ao Associativismo prevê linhas especiais de apoio majoradas destinadas à capacitação e apetrechamento dos clubes e associações para a criação de oferta desportiva adaptada.

As pessoas com deficiência constituem, para a Junta de Freguesia de Loures uma prioridade, quer no seu dia-a-dia, quer na prática do Desporto Adaptado.

Para esse efeito, a Junta de Freguesia de Loures, nos últimos anos, tem apoiado e participado ativamente em várias iniciativas realizadas na nossa Cidade, envolvendo várias Instituições, com vista a fomentar e dar a conhecer, essencialmente, na comunidade escolar várias modalidades, como o GoalBall e o Boccia.

Que mensagem pode deixar aos atletas que irão representar Portugal nos Jogos Paralímpicos de Tóquio em 2021?

Que vivam essa experiência plenamente e em consonância com o espírito paralímpico, com esforço, dedicação e lealdade, entendendo a sua participação individual e coletiva como um contributo para a promoção do desporto e do seu papel no desenvolvimento de uma sociedade pacífica comprometida com a preservação da dignidade humana. Todos quantos se qualificaram para essa participação podem desde já sentir o orgulho de uma vitória que os Jogos Paralímpicos representam.

Gostaria de deixar uma mensagem de esperança e de incentivo, que se torna ainda mais importante no atual contexto de pandemia que o mundo atravessa. A todos os atletas desejo muito sucesso e tenho a plena convicção que a sua dedicação, força de vontade e profissionalismo irão traduzir-se em bons resultados, tal como nos têm vindo a habituar, honrando o nosso País, mas acima de tudo e respeitando o verdadeiro espírito Olímpico.

RUMO A TÓQUIO 2020

A Chama Paralímpica



O adiamento dos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020 obrigou a competição reinventar-se, a adaptar-se à nova realidade e a reforçar a transmissão da mensagem de esperança exacerbada pela capacidade de superação e resiliência de atletas dos quatro cantos do planeta. Os protagonistas de toda esta realidade – os atletas – viram-se privados da adrenalina competitiva durante um longo período temporal e tiveram o mérito de manter viva a chama da participação no segundo maior evento multidesportivo mundial. Na constituição de uma força abstrata global que deu um contributo decisivo para que Tóquio 2020 fosse uma realidade em 2021.

A tocha paralímpica é símbolo deste sentimento de partilha, incorporando a chama que é de todos e para todos. Simbolicamente gerada pela paixão global pelo desporto, ergue-se sobre o conceito “partilha a tua luz” e demonstra a intenção de os Jogos Paralímpicos Tóquio 2020 contribuírem para a construção de uma sociedade totalmente inclusiva. A “luz” emanada pela Tocha Paralímpica representa, na verdade, os seres humanos, que se pretendem reunidos e alinhados em torno da mensagem de inclusão, esperança e entreatajuda, não apenas no momento dos Jogos Paralímpicos de Tóquio mas, principalmente, na constituição de um legado para o futuro.

Este conceito ganha forma física na própria Tocha Paralímpica. Desenhada num tom rosa com anotações douradas, tem 71 centímetros de comprimento e 1.2 kg de peso, sendo que 30% dos materiais são compostos por alumínio reciclado utilizado em habitações temporárias construídas após o tsunami e sismo de 2011 que devastaram a região japonesa de Tohoku. O seu design remete para junção entre tradição e evolução tecnológica patente na referência visual a uma flor de cerejeira, símbolo da cultura japonesa, que estabelece a subtil ponte

de incentivo à edificação de uma sociedade em que todas as pessoas vivam em harmonia e cooperação mútuas.

A Tocha Paralímpica estará em movimento no período de transição entre os Jogos Olímpicos e os Paralímpicos de Tóquio. A partir de 12 de agosto, festivais de chamas luminosas irão decorrer em todas as 47 prefeituras japonesas até que a 20 de agosto todas as chamas individuais se vão reunir em Tóquio, juntando-se a uma outra previamente acesa em Stoke Mandeville, berço do movimento paralímpico, e dando origem a uma única – e final - chama paralímpica. Nos quatro dias seguintes, a Tocha Paralímpica realiza um percurso por vários pontos de Tóquio até chegar ao Estádio Olímpico a 24 de agosto, na cerimónia de abertura dos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020.





OPINIÃO

Grandes competições em tempos de pandemia



**Manuel Costa e Oliveira,
Secretário-Geral do Comité
Paralímpico de Portugal**

Para todos quantos se dedicam à importante e fascinante problemática do desporto Paralímpico e Surdolímpico – atletas, colegas de treino e competição, acompanhantes, treinadores, juízes e dirigentes - não pode deixar de ver, nos respetivos Jogos, o ponto mais alto a atingir, para o qual tanto se trabalhou.

Trata-se de uma legítima e compreensível ambição, pois até contempla, para além do desporto, umas muito importantes componentes social e cultural, que marcam toda uma vida, e, como se diz, Paralímpico ou Surdolímpico uma vez, Paralímpico ou Surdolímpico para toda a vida.

Na verdade, depois de anos de esforço e dedicação, com muitas peripécias à mistura, algumas boas ou muito boas mas muitas outras não tanto assim, chegarmos aos Jogos Paralímpicos e Surdolímpicos, acaba por compensar todo o investimento pessoal e familiar, social e não raras vezes económico também e não só, fazendo com que a honra e entusiasmo, com muita excitação à mistura, sentidos nessa altura, compensem tudo o que ficou para trás.

Ao longo dos anos, atletas Paralímpicos e Surdolímpicos portugueses têm trazido muitas alegrias para o nosso País, não apenas pelas medalhas conquistadas, mas, sobretudo, pelo comportamento exemplar que sempre exibem, para orgulho dos próprios e de todos e cada um de nós. Pretendo nesta pequena reflexão, abordar a problemática dos Jogos previstos para o Japão e Brasil, no quadro da pandemia presentemente vivida, por todo o Mundo.

Muito se tem dito sobre a pandemia e este não é o espaço para tecer grandes comentários sobre o assunto. Mas, mesmo assim, faz sentido referir que a dita pandemia é muito

limitativa, condicionado a atividade (leia-se preparação) dos nossos atletas e condicionando, como se sabe, a realização dos próprios Jogos. Por ser assim, tanto os Paralímpicos como os Surdolímpicos já sofreram adiamentos, com todas as implicações que daí advém. Porém, aceite-se, com estas medidas assim tão dolorosas, conseguiu salvaguardar-se a saúde e bem-estar de todos que participam e assistem, afinal o mais importante.

Mas antes de lá chegarmos, deixem-me aprofundar a questão, insistindo que esta pandemia afeta tudo e todos e muito, o que a vida de um desportista acarreta, não apenas os Jogos tão ambicionados. De facto, o bem-estar pessoal de cada um dos atletas ou outros implicados, a vida social, os estudos quando for o caso, o emprego de muitos deles, o treino quotidiano tantas vezes com tanto sacrifício, as competições locais, regionais, nacionais e internacionais, o dia-a-dia de todos e cada um. Numa palavra, a pandemia vivida no presente dificulta e altera, de uma forma estrondosa, tudo o que poderia ser previsto acontecer se os tempos fossem acalmia.

Por outro lado, o impacto psicológico, as quebras na preparação de atletas e equipas e, não é de descurar, as desilusões e injustiças implicadas, deixam marcar sempre muito difíceis de ultrapassar. E o que dizer de alguns que iriam aos Jogos se os mesmos tivessem ocorrido nas datas previstas, mas que agora já não reúnem condições para tal? Admitamos ser também muito difícil de encarar e suportar.

Mas da acalmia que se referiu atrás não se trata e, pelo contrário, assim não está a acontecer, infelizmente. Olhando ao Desporto Desporto em si, agora nas vertentes Paralímpica e Surdolímpica, importa perguntar e refletir.

Como estamos? Para onde caminhamos? Como havemos de lá chegar, aos tão ambicionados Jogos, dos quais ninguém quer prescindir? E será que vamos ter Jogos? Para mim, a resposta até é fácil, por muito que possa não nos agradar. Mas vejamos em pormenor:

Como estamos?

Estamos mal, diria que estamos mesmo muito mal, absolutamente condicionados pelas regras que a pandemia nos impõe. Não há outra forma. De facto, se assim não fosse, a alternativa seriam a nossa saúde e bem-estar, a nossa própria sobrevivência enquanto pessoas (não faz sentido, agora, falar aqui das questões do emprego, económicas e outras, pois apenas se pretende focar a nossa atenção no desporto Paralímpico e Surdolímpico). Portanto, o mais importante de tudo.

Diria que nada está nas nossas mãos, tudo vai ser possível em acordo e sintonia pela forma como esta horrível pandemia nos permitir. Temos de ser obedientes e disciplinados, temos de ser fortes e nada de desanimar. Estamos a fazer tudo bem e, pela parte do Comité Paralímpico de Portugal, estamos atentos à evolução do assunto. Trabalhamos em família com as nossas Federações e com todos os implicados nos Jogos e vamos ajustando o que temos de fazer, para que o sucesso esteja garantido, quando chegar a altura.

Para onde caminhamos?

Caminhar, pois é em direção e para os Jogos e todos estamos a fazer um enorme esforço nesse sentido. Com todos os constrangimentos referidos e outros mais, estamos a dar o nosso melhor, rodeados de dificuldades e incertezas, na forte esperança de que tudo venha a correr bem. Claro que, por um lado, ninguém vai desanimar como antes se disse, pelo contrário, crescemos na adversidade e ficamos mais fortes. Mas conscientes, é bom que sejamos capazes de nos precaver para a possibilidade de as coisas poderem correr menos bem, em relação aos nossos anseios. O caminho está ser ainda mais longo mas, com passos seguros, havemos de lá chegar, a contento.

Como havemos de lá chegar, aos tão ambicionados Jogos, dos quais ninguém quer prescindir?

Os Jogos Paralímpicos e os Jogos Surdolímpicos já foram adiados uma vez e foram remarcados. Veremos o que acontece daqui para a frente. Na base desta violenta decisão, estavam os momentos vividos na altura e, sobretudo, estavam as previsões feitas pelos especialistas, que apontavam no sentido da impossibilidade de levar por diante estas organizações, de tal forma a pandemia iria alastrar, com terríveis consequências nefastas para a saúde e bem-estar de todos os intervenientes, mas também dos muitos milhares de pessoas que se disponibilizariam para assistir a estes momentos de tanto impacto e importância. Assim, não podemos deixar de concordar com as decisões tomadas, por muito que elas nos custem. Nada a fazer nem a dizer, apenas

esperar, cheios de coragem e otimismo. Portanto, a pergunta “como havemos de lá chegar”, tem que ficar sem resposta, por agora.

O que sabemos, é que temos de continuar a dar o nosso melhor para a nossa preparação, tentando aguentar e ultrapassar as muito evidentes consequências também de ordem económica, por tudo estar a correr assim. Ser atleta Paralímpico e Surdolímpico também é isto, ser forte e resistir a todas as adversidades que se nos deparam.

E será que vamos ter Jogos?

Pois também não sabemos responder, nem nós, nem ninguém. Claro que todos queremos que os Jogos aconteçam, neste desejo estamos absolutamente de acordo. Talvez a situação até esteja a melhorar – pelo menos em Portugal – pelo que nos é legítimo algum otimismo, mesmo que moderado. Por mim, estou até muito otimista, pela forma como tudo está a correr, neste momento em que escrevo. A situação parece estar a ser muito melhor como antes referi, as tão ansiadas vacinas já aí estão, os números que nos evidenciam óbitos, infetados e evidências assim, começam a dar sinas de abrandar, no melhor dos sentidos. Deus permita que assim continue, apesar de algumas leituras do problema, um pouco mais preocupantes.

Mas, ao mesmo tempo, também defendo que os Jogos Paralímpicos e Surdolímpicos apenas se devem realizar, com absoluta garantia da saúde de todos os envolventes, sejam os participantes seja o público que não deixará de participar. De outra forma, correndo quaisquer riscos, não faria sentido.

Em conclusão, entendo vários aspetos da questão.

- 1) Todos queremos que os Jogos Paralímpicos e Surdolímpicos se realizem;
- 2) Todos os envolvidos nesta ambição devem continuar a dar o seu melhor, treinando e cada um assumindo a sua parte, apesar das limitações impostas, na convicção de que os Jogos vão mesmo realizar-se, mais tarde ou mais cedo;
- 3) Perante esta ambição feita realidade, vamos lá ao Japão e Brasil dar o nosso melhor, trazendo para Portugal um comportamento que a todos nós dignifique, como sempre fazemos;
- 4) E, se não decorrerem estes ambicionados Jogos Paralímpicos e Surdolímpicos, que cada um saiba reconhecer o esforço por tantos realizado, para que se instale a noção do dever cumprido, justo para quem tanto deu a desporto e ao seu País;
- 5) Pela nossa parte, Comité Paralímpico de Portugal, encontraremos a melhor forma de enaltecer e agradecer a toda a família Paralímpica e Surdolímpica envolvidas, para que todos sintam que valeu a pena o esforço desenvolvido;
- 6) Com Jogos ou sem eles, afirmaremos a excelência dos nossos atletas Paralímpicos e Surdolímpicos e de todas as famílias que os rodeiam.

Logótipo dos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020. O padrão axadrezado representa diferentes países, culturas e formas de pensar e pretende transmitir a mensagem da promoção da diversidade como plataforma para conectar o mundo.



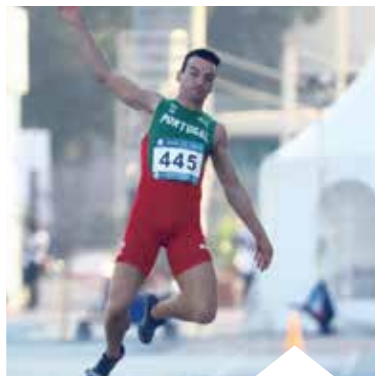
TOKYO 2020
PARALYMPIC GAMES



PARALÍMPICOS NAS REDES SOCIAIS

Terminei hoje com os 400 metros a minha participação no 12th Fazza International World Para Athletics Championship com um 3.º lugar. Obrigado a todos pelo apoio!

Mário Trindade
fb.me/mariotrindadeatleta



Depois da tempestade de ontem, hoje chegou a bonança. Condições perfeitas para treinar e aproveitar ao máximo, a fazer o que mais gosto

Norberto Mourão
instagram.com/norberto_mourao



Meeting Internacional Dubai 2021. 1.º lugar com 6.45 metros. Quase, quase mínimos para Tóquio.

Lenine Cunha
fb.me/leninecunhaatleta



Ready for another fresh ride.

Luís Costa
instagram.com/lmpkosta

*Eyes on the future.
#paralympicgames
#tokyo2021*

Luís Gonçalves
instagram.com/luigi_goncalves



*Foi um bom fim-de-semana. Eyes on 2021
#roadtotokyo*

Susana Veiga
instagram.com/susanap-veiga





A MINHA HISTÓRIA

OLHOS POSTOS EM TÓQUIO 2020

Diogo Cancela

Começou na natação muito jovem e aos 15 anos teve a sua primeira internacionalização... e a sua primeira viagem de avião. Hoje, aos 18, Diogo Cancela já tem no currículo um Europeu e um Mundial com resultados positivos e não esconde o objetivo de chegar aos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020.

Diogo Cancela nasceu numa pequena aldeia chamada Moinhos, em Miranda do Corvo, e lá reside até ao momento. Um acidente numa serralharia aos três anos de idade provocou-lhe a amputação total do braço direito e, por ter acontecido tão cedo, só se recorda de si mesmo tal como é nos dias de hoje. "A minha mãe contou-me que quando tive o acidente estive 15 dias sem querer sair da cama com vergonha de mim", confessa Diogo, mas depois desse período nunca mais teve problemas com a sua condição.

O médico recomendou fazer fisioterapia, mas como era

muito longe do seu local de residência surgiu uma alternativa para o mesmo efeito: a natação. O primeiro contacto com a piscina deu-se então aos quatro anos e o gosto por nadar foi crescendo rapidamente. Aos nove anos Diogo começou a competir nos regulares mas os resultados nessa altura, conta entre sorrisos, não eram os ideais.

"Nas primeiras provas perdia sempre, até via a tabela de baixo para cima para encontrar o meu nome mais rápido! Aos 12 anos fui à minha primeira competição nacional de atletas da dimensão paralímpica, consegui duas medalhas de terceiro lugar, o que para mim foi um choque porque nunca tinha vencido nada. A partir daí comecei a perceber que não tinha que praticar a modalidade apenas por questões de fisioterapia", relata Diogo.

As primeiras internacionalizações

A natação não mais deixou de fazer parte do quotidiano de Diogo



Georgie Kerr/PPP

Cancela. O foco nos treinos foi aumentando progressivamente e aos 15 anos teve a sua primeira competição internacional, uma Taça do Mundo em Copenhaga. Foi tudo novo para o jovem de Miranda do Corvo, até por ter sido a primeira vez que andou de avião! “O ambiente era diferente ao dos nacionais, a competição era muito maior”, conta Diogo, e no final o sétimo lugar no agregado de todas as classes foi “um resultado positivo”.

Mas o melhor ainda estava para vir. Em 2018 chegou o Campeonato da Europa de Dublin, uma competição que guarda na sua memória por vários motivos que vão além dos três quartos lugares alcançados:

“Não estava habituado a ter os meus colegas a puxar por mim nas provas e sentir isso foi incrível. Ali todos os nadadores portugueses se apoiam mutuamente, sentimos as provas dos outros como se fossem as nossas. Quando se está na água pensa-se em muita coisa, nos objetivos que temos e nas pessoas que estão a contar connosco. É uma responsabilidade muito grande”, admite Diogo.

Os objetivos de futuro

Já em 2019 o jovem Diogo, hoje com 18 anos, conquistou o 7.º lugar nos 200 metros estilos SM8 no Campeonato do Mundo de Londres, mas confessa que mais relevante que isso foi a obtenção de mínimos A para os Jogos Paralímpicos de Tóquio em março desse mesmo ano. Estar nessa competição,

afirma sem dúvidas, “é o sonho de qualquer atleta”.

“Desde cedo que o foco tem sido estar nos Jogos. O objetivo de Tóquio é a minha grande motivação, mas se não for possível vou tentar novamente em Paris 2024. Participar nos Jogos Paralímpicos é um objetivo de futuro. Se falarmos em sonho... Sonho seria conquistar uma medalha em Jogos, mas isso para já é só um sonho, não um objetivo. É esse o patamar mais alto que poderia alcançar”, sublinha.

A ambição de Diogo Cancela cabe numa rotina preenchida por nove treinos de água e três de ginásio por semana e as aulas da faculdade. O tempo livre é escasso e o que existe é aproveitado para estudar, mas Diogo não se cansa. “Quando temos objetivos definidos, tentamos lutar por eles e os resultados estão à vista, não é cansativo”. E nem é preciso ser engenheiro para chegar a esta conclusão.

Engenharia eletrotécnica e de computadores é a licenciatura que Diogo Cancela começou a frequentar este ano letivo na Universidade de Coimbra. Um curso com “muita programação, muita matemática”, tal como admite gostar. O futuro profissional para além do desporto ainda está em aberto, dependente do que a licenciatura e o mestrado lhe derem a conhecer. Quanto à natação... é uma certeza para o futuro, com objetivos graduais fixados, para já, em garantir a presença em Tóquio 2020.

GRANDE ENTREVISTA

“Os atletas que vão a Tóquio estão no patamar da excelência”

José Manuel Lourenço, Presidente do Comité Paralímpico de Portugal

Afirma que o sucesso passa por cada um dar o melhor de si, realça a capacidade de superação dos atletas e destaca a excelência com que todos devem encarar a preparação para a competição em tempos de pandemia. As conquistas do passado, os desafios do presente e as ambições para o futuro numa Grande Entrevista ao Presidente do Comité Paralímpico de Portugal, José Manuel Lourenço.



Há cerca de um ano, mais precisamente a 24 de março de 2020, foi comunicado o adiamento dos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020, o que motivou uma adaptação de todos os seus intervenientes. Quais foram os principais desafios que advieram deste adiamento para o Comité Paralímpico de Portugal?

Pela forma como fomos surpreendidos pelo aparecimento da pandemia, todos esperávamos pelo anúncio do adiamento dos Jogos. Estávamos no início de uma experiência nova e assustadora, mas por outro lado, a palavra adiamento era aquilo que ninguém queria ouvir tendo em conta aquilo que os

Jogos Paralímpicos significam para o movimento paralímpico e o desejo, em particular dos atletas, de participarem no segundo maior evento multidesportivo à escala planetária. Com este adiamento surgiram vários desafios, sendo que todos eles concorriam para o mesmo. Tivemos que manter a esperança que o adiamento dos Jogos era apenas uma etapa e que os Jogos se iriam realizar, passar essa mensagem aos atletas e treinadores no sentido de manterem o foco. Em simultâneo, a componente logística e todo o plano tiveram que ser alterados. Foi necessário reiniciar o processo praticamente a partir do zero, desde logo as viagens e toda

a logística a esta questão associada, tudo o que decorre da forma como os Jogos se irão realizar e as restrições que na altura se perspectivavam, em particular, em termos de mobilidade dentro dos próprios Jogos. Esta pandemia é algo que vai ficar marcado nas nossas memórias, mas faz apelo à nossa capacidade de nos reinventarmos e de encontrarmos soluções para o inesperado.

Como reagiu a comunidade paralímpica nacional, em especial os atletas e treinadores, a esta notícia?

Para uns foi o adiar de um sonho, foi ter a certeza que vão chegar aos Jogos um ano mais velhos, foi, com certeza, verificar que a sua preparação iria ser prejudicada tendo em conta o que se estava a perspetivar, como seja a falta de competições ou treinarem com algumas limitações, enfim uma nova realidade, uma nova aprendizagem. Diria que para outro grupo, mais pequeno com certeza, foi uma nova esperança que se abriu no sentido de ainda se qualificarem para os Jogos Paralímpicos. Penso que quer as Federações quer os treinadores tiveram aqui um papel muito importante no sentido de encontrarem soluções para manterem os atletas com motivação, interessados no treino e no planeamento que necessariamente foi redefinido.

A ausência de competições internacionais há praticamente um ano condiciona a preparação dos atletas e constitui um obstáculo ao processo de qualificação para os Jogos. De que forma o Comité Paralímpico Internacional (IPC) reajustou os métodos de alocação de quotas por país neste contexto de ausência de provas?

Se a vida para nós, CPP, não tem sido fácil, para o IPC é algo que nem consigo imaginar. É toda uma organização com a dimensão que é conhecida, mas que só quando chegamos aos Jogos é que conseguimos perceber todo o trabalho que está ali. Muito planeamento, muita organização, muito trabalho. O IPC, até esta altura, em termos de critérios de qualificação, não fez qualquer tipo de alteração àquilo que tínhamos em março de 2020. Não houve alterações aos critérios de qualificação, digamos que a situação está congelada desde há sensivelmente um ano quando tivemos conhecimento da última vaga que nos foi atribuída na modalidade Equestre. Eu diria que a vida desde então foi difícil para todos, num contexto desportivo e extra desportivo, portanto não me parece que possamos afirmar que houve atletas beneficiados e outros prejudicados.

Estamos agora novamente a seis meses do início dos Jogos

Paralímpicos Tóquio 2020. Sente que mesmo perante todas estas dificuldades já mencionadas os atletas continuam motivados e concentrados neste objetivo?

Com muitas dificuldades, mas sim, os 43 atletas que neste momento temos no Programa de Preparação Paralímpica mantêm a esperança de ir aos Jogos, é para isso que continuam a treinar. Umhas modalidades com mais dificuldade que outras, nomeadamente as modalidades de pavilhão como é o caso do Boccia, que têm a vida muito dificultada, mas têm tentado todos os dias inventar planos para manter a atividade.



Quais as principais características que um atleta de alto rendimento precisa de ter numa fase decisiva de treinos e qualificação como a atual?

Capacidade de superação e foco no seu objetivo. É aquilo que nós identificamos como sendo os desideratos que mais distinguem um atleta paralímpico, são as características que sobressaem quando nós vemos as dificuldades do dia-a-dia de uma pessoa com deficiência que se disponibiliza a praticar desporto. Neste cenário de pandemia coloca-se ainda mais a questão da capacidade de superação, da resiliência, de ter uma estrutura psicológica que os faz sobressair face a outros. Um atleta paralímpico está imbuído de um espírito que vai muito para além da questão desportiva. Há ali uma necessidade de afirmação que vai desde ele querer desafiar-se a si próprio, ou a querer demonstrar que consegue superar todas as barreiras; a ele próprio, à família e à comunidade. Depois é preciso ver que o desporto para as pessoas com deficiência é também uma afirmação de cidadania e isso é algo que tem que ser muito valorizado. Qualquer um de nós tem o dever de se afirmar enquanto cidadão, afirmar os nossos direitos e deveres de cidadania, mas temos que ter noção que isto para as pessoas com deficiência é, em muitas situações, uma luta desigual. À partida não são dados às pessoas com deficiência, de uma forma geral, instrumentos que lhes

GRANDE ENTREVISTA

permitam afirmar a sua cidadania, a sua diferença e a prática desportiva para as pessoas com deficiência é uma afirmação e um exemplo de cidadania para a sociedade. Os nossos atletas incorporam este espírito e esta mensagem de superação, são os protagonistas do trabalho de transformação da sociedade e do paradigma em que vivemos.

“Aos Jogos só chegam os melhores dos melhores”

Antes da novidade desta pandemia global, os Jogos de Tóquio eram projetados com grande expectativa no sentido de superarem as edições anteriores em vários aspetos, como por exemplo o poder de alcance junto do grande público. Acredita que face ao cenário em que os Jogos se vão realizar o impacto da competição junto do grande público poderá ser afetado?

O impacto será necessariamente diferente para todos. Para o público que vai assistir, provavelmente em casa, e para todos os atletas que compõem a Missão Paralímpica. O que podemos neste momento perspetivar é que os Jogos vão ocorrer com condições muito restritivas e mantem-se a dúvida se vamos ter público nas arenas de competição. O público é um elemento muito importante na forma como se vivem os Jogos. No caso dos Jogos Paralímpicos, existe aqui um dado adicional. Há, ainda, nesta dimensão muitas famílias que acompanham os atletas que, como é óbvio, se não existir público não o poderão fazer. No caso dos atletas com deficiências mais severas o apoio da família é importante, mesmo nos dias de competição. Por tudo isto penso que vão ser Jogos diferentes, com impacto diferente em cada um de nós. Receio que possam ser Jogos mais frios, cabe a todos nós tentar contrariar esta tendência. Os Jogos são competição, partilha, encontro de culturas e são também festa. Se neste momento eu tiver que antecipar os Jogos prevejo que algumas destas variáveis vão estar muito condicionadas.



Acredita que mesmo nestas circunstâncias a competição irá conseguir transmitir a mensagem de excelência desportiva e capacidade de superação dos atletas paralímpicos?

Não tenho a mínima dúvida sobre isso. Não há dúvida que só chegam aos Jogos os melhores, só os atletas que tenham excelência desportiva. Significa que quem está em competição são atletas do melhor que existe a nível mundial e isto é válido para todos os países do mundo. Não são apenas os melhores, é uma seleção dos melhores dos melhores. Tenho a certeza que esta componente está seguramente garantida.

E os atletas portugueses também estão dentro destes parâmetros...

O atleta tem que ser de facto de alto rendimento a todos os níveis. Tem que ter competência, empenho, dedicação, foco, seguir as orientações do seu técnico, ter todos os cuidados no que diz respeito à sua alimentação e preparação, ter a noção do que são as regras de participação ao nível do alto rendimento. Os atletas nacionais que vão a Tóquio 2020 estão no patamar da excelência, qualquer atleta que consegue a qualificação para os Jogos Paralímpicos já demonstrou que é um atleta de excelência.

É evidente que a organização dos Jogos tem feito um grande esforço nos preparativos para a competição, tal como o CPP tem empenhado os seus esforços em torno da constituição na missão paralímpica. Quais as principais preocupações do CPP neste âmbito?

A principal preocupação é não falhar nada. Esse é o grande receio. Ainda para mais com uma logística nova, há um desafio acrescido que deriva das restrições impostas pela pandemia. Muitos fatores não faziam parte do nosso imaginário, como testar a Missão antes da saída de Portugal, a necessidade do controlo já no Japão, toda a componente logística que teremos que assegurar para dar resposta às questões do Covid, as questões relativas aos prazos, as dificuldades inerentes à dúvida se podemos ou não ter a família paralímpica nos Jogos, há um conjunto de situações que ainda não podemos antecipar. A nossa estratégia tem sido trabalhar como se não houvesse dúvida nenhuma. A nossa determinação pretende que quando chegarmos de Tóquio, independentemente dos resultados desportivos, os quais constituem outra dimensão, tenhamos a certeza que em termos da organização fizemos tudo o que nos era possível para ficarmos com a sensação que, em termos de organização, não falhámos. É essa a nossa intenção, a nossa obrigação.

Tudo isto com o objetivo de dotar os atletas das melhores condições para participarem nos Jogos...

Os atletas só têm dois papéis: treinarem todos os dias e participarem nas competições desportivas. O treinador também só tem um papel, o de treinar o atleta e mantê-lo focado e concentrado na sua preparação. O parceiro de competição tem que estar preparado para ajudar o atleta na sua prova. Tudo o resto é para o staff, seja a componente da comunicação, a componente de toda a logística da Missão, os assuntos a que o Covid-19 nos vai obrigar, tudo isso é responsabilidade do staff, o qual é coordenado pela Direção da Missão, a quem compete definir todas as áreas de responsabilidade.

O estágio é um ponto particular desta missão. Quais os seus propósitos?

Quando começámos a planear a participação nos Jogos Paralímpicos, uma das questões que identificámos como fundamental foi a realização de um estágio de adaptação ao clima e também para a regularização do *jet-lag*, num local com as condições de treino tidas como necessárias pela Direção da Missão. Em colaboração com o nosso Adido, Óscar Hioki, foi identificada a cidade de Fujisawa, a cerca de 50 km de Tóquio, com disponibilidade para acolher a Missão Paralímpica Portuguesa. O que entretanto pudemos constatar foi que a cidade demonstrou um grande interesse em nos receber, sempre com muita simpatia e cordialidade. Ao longo desta espera a que a pandemia nos obrigou, o município de Fujisawa tem criado eventos para manter o projeto do estágio vivo na própria cidade. Pessoalmente estou muito motivado para retribuir a simpatia dos responsáveis de Fujisawa.

Temos seis modalidades confirmadas (Atletismo, Boccia, Canoagem, Ciclismo, Equestre e Natação) num total de 23 quotas até ao momento, com a perspectiva de vermos alargados estes números tanto em modalidades como em atletas. De que forma antevê a participação nacional em Tóquio?

Eu entendo que o sucesso será sairmos de Tóquio com a convicção de que fizemos tudo o que tínhamos que fazer. Atletas, treinadores e staff. Que todos regressem a Portugal com a consciência que fizeram aquilo que tinham que fazer. Isso para mim será o sucesso, ter a consciência que não falhou nada. Eu não tenho mínima dúvida que cada atleta vai dar o melhor que tem e superar-se em cada momento de competição. É isto que se espera, é esta a exigência que temos que ter presente e tentar cumprir.



Sabemos que Portugal tem um histórico notável ao nível de resultados em Jogos Paralímpicos. Como responder à habitual questão da perspetiva de medalhas a alcançar em Tóquio 2020?

É óbvio que os lugares de pódio são uma das variáveis que podem ser incluídas no sucesso, mas na minha opinião, não são a variável determinante. Seria precipitado fazer prognósticos porque em termos competitivos não sabemos neste momento a forma em que se encontram os nossos atletas por não existirem competições, mas também não sabemos como estão os adversários. Há um absoluto desconhecimento, os rankings mundiais neste momento, salvo raras exceções, são aqueles que existiam há um ano. A única coisa que temos que exigir aos atletas é que façam o melhor e nós temos a certeza que eles o vão fazer.

“Igualdade entre paralímpicos e olímpicos era um sonho antigo”

Os Jogos Paralímpicos Tóquio 2020 serão o culminar de um ciclo intenso de muito trabalho. Quais os principais momentos ou mudanças a destacar deste período?

Temos que sublinhar a melhoria das condições que foram colocadas à disposição dos atletas que entram no Projeto. Em termos financeiros foi concretizada uma melhoria significativa para a preparação e para as bolsas dos atletas, treinadores, TADs e parceiros de competição, de tal forma que à data de hoje está concretizada a igualdade do valor das bolsas entre atletas paralímpicos e olímpicos. Também é de sublinhar a grande cooperação que sempre existiu com todas as federações que incluíram atletas no Projeto e o envolvimento que começa a existir com a Academia, a qual é muito importante no sentido da criação de mais conhecimento

e mais informação colocada à disposição do desporto paralímpico e de todos os agentes desportivos envolvidos nesta dimensão desportiva. Também de sublinhar o grande entendimento e reconhecimento, desta dimensão desportiva, por parte do Governo. A igualdade alcançada, ao nível das bolsas, entre paralímpicos e olímpicos era um sonho muito antigo por parte de todos os agentes envolvidos no fenómeno paralímpico e hoje só existe porque houve a compreensão por parte do Governo, que permitiu financiar o CPP no sentido de se proporcionar a sua concretização. Também foi igualmente importante a concretização da igualdade, entre olímpicos e paralímpicos, nos valores dos prémios de mérito desportivo. A concretização deste sonho só foi possível graças à vontade política dos decisores.

Há ainda outro projeto importante, a classificação funcional desportiva. Foi determinante a perceção e colaboração por parte do Governo e do IPDJ no sentido de reconhecer que esta é uma área determinante para a verdade desportiva e foi graças a um contrato-programa estabelecido com o IPDJ que nos foi possível viabilizar a formação de novos classificadores e assegurar participação de classificadores em painéis internacionais, algo que também deve ser destacado como muito positivo. Importa também realçar os contactos com os Comitês Paralímpicos Nacionais de Língua Portuguesa, para que possamos partilhar experiências e aprender uns com os outros.

Em resumo, penso que nestes quatro anos fizemos muito, houve evolução em diversas dimensões, mas temos a consciência que muito está por fazer. O mais marcante deste período é sem dúvida a pandemia e as consequências que ela implicou, destacando-se, entre elas, o adiamento dos Jogos. Desejo que esta experiência não se volte a repetir.

Qual considera ser o caminho para incrementar o conhecimento público sobre o desporto para pessoas com deficiência em Portugal?

A comunicação é um elemento determinante, é através dela que podemos fazer chegar a mais pessoas os nossos objetivos e as vantagens da prática desportiva. Penso que ao longo deste mandato temos trabalhado muito nesta área no sentido de comunicar mais e de melhorar a forma como comunicamos, mas este não pode ser um trabalho apenas nosso. Temos que encontrar outros parceiros que também comuniquem e esses parceiros que eu identifico como fundamentais são as federações, as associações nacionais de desporto para

pessoas com deficiência, toda a comunidade da família paralímpica, as autarquias, as empresas, as instituições de reabilitação, etc. Se todos derem a conhecer as vantagens da prática desportiva por pessoas com deficiência, se ao nível local, no núcleo familiar, nos vizinhos e na freguesia a mensagem for divulgada, ela certamente chegará mais longe. Neste aspeto os nossos parceiros e patrocinadores são determinantes e têm tido um papel insubstituível, é com eles e com o apoio que nos dão que a nossa vida fica mais facilitada no sentido de criarmos as melhores condições possíveis para o desenvolvimento do desporto para pessoas com deficiência em Portugal.



A média de idades dos atletas inseridos nos Programas de Preparação Paralímpica (PPP) e Surdolímpica continua elevada. Será a comunicação também uma via para inverter estes dados?

A média de idades dos atletas do PPP situa-se atualmente dos 35.8 anos, o que é assustador. A comunicação e o envolvimento da comunidade, em diversas dimensões, é fundamental para a alteração progressiva destes dados. A família, as autarquias, as escolas, os hospitais, os centros de saúde, os centros de reabilitação, todos têm que contribuir para informar. Também não podemos esquecer a questão das acessibilidades, as quais ainda constituem, em muitos casos, diria mesmo em demasiados casos, barreiras que a todos enquanto sociedade nos devem envergonhar. Há uma dificuldade tremenda das pessoas com deficiências mais severas terem a possibilidade da iniciação da prática desportiva. Se há muita dificuldade de captação de novos talentos, nas deficiências mais severas ela é muito mais sentida porque estas pessoas precisam de acompanhamento permanente no treino que muitas vezes não existe. Depois também existe a questão do género, o número de atletas com deficiência do género feminino é ainda mais reduzido. Tem que haver uma justificação para

tudo isto, temos que trabalhar para desmontar esta ideia que a prática desportiva por pessoas com deficiência é muito difícil. É uma questão cultural muitas vezes relacionada com desconhecimento, daí a importância de nós comunicarmos, formarmos e informarmos. Temos esse dever.

“Pandemia vai deixar marcas por muitos anos”

A pandemia teve repercussões em todas as esferas da sociedade e o Desporto também está a sofrer as consequências das restrições impostas por esta nova realidade. A que níveis ou em que dimensões considera que o Desporto está a ser mais afetado?

Todos os setores de atividade foram afetados com a pandemia e o desporto não é exceção. Um dos impactos da pandemia foi, ainda é, a paragem do desporto de uma forma quase absoluta, desde a impossibilidade de treinar até à ausência de competições, é uma situação marcante para todos os agentes desportivos. Ao nível do alto rendimento todos os apoios se mantiveram como até então, mas houve uma grande paragem desportiva nomeadamente nas camadas jovens. Como é sabido fizemos um inquérito relativo à dimensão do desporto para pessoas com deficiência dirigido a federações que têm a governação de modalidades de área paralímpica. Recebemos respostas de 16 federações e há dois dados que chamam a atenção: 163 clubes pararam a sua atividades desportiva e 63% dos atletas com algum tipo de deficiência que estavam integrados nessas federações interromperam em algum momento a sua prática desportiva. Digamos que esta nova experiência que o Covid nos convocou e os problemas que emergiram com a pandemia contribuíram para uma convergência de posições entre Comité Olímpico de Portugal, Comité Paralímpico de Portugal e Confederação do Desporto de Portugal CP da qual resultaram duas cimeiras e a aprovação de duas moções com algumas propostas que consideramos que podem ajudar à viabilidade do tecido associativo e que estamos a aguardar que sejam alvo de uma resposta positiva por parte dos decisores políticos.

Acredita que a situação atual se pode vir a fazer sentir a médio/longo prazo, com tantos jovens atletas privados da prática desportiva?

O problema da captação de novos talentos já existia antes da pandemia, o que sabemos é que este cenário veio agravar

essa questão. Acredito que muitas pessoas com deficiência que estavam a preparar-se para iniciar a prática desportiva entretanto encontraram outras soluções para as suas vidas. Portanto acredito que sim, que esta pandemia vai deixar marcas por muitos anos.

O ano de 2021 seria também de Jogos Surdolímpicos que foram entretanto adiados para Maio de 2022 na mesma cidade, Caxias do Sul, no Brasil. Que mensagem pode deixar aos atletas que viram o seu sonho também adiado?

A mensagem é a mesma que foi dada aos atletas da dimensão paralímpica no ano passado. Que se mantenham focados, que mantenham o treino, que continuem empenhados. Que conservem a esperança de que os Jogos se vão realizar em segurança, que acreditem que este será um evento que ficará para a história como um momento de afirmação e de excelência desportiva que também é praticada no desporto para surdos.

Andrew Parsons, Presidente do IPC, disse-nos em entrevista que o desporto paralímpico “tem o papel de transformar a sociedade do futuro”. Considera que o CPP está a contribuir para esta mudança progressiva com a sua atividade?

Se assim não fosse teríamos que repensar o nosso papel porque o nosso principal objetivo é exatamente esse. Estou convencido que à nossa dimensão temos dado contributos no sentido da afirmação do movimento paralímpico e da transformação da perceção da sociedade em relação às pessoas com deficiência e, em particular, às pessoas com deficiência que praticam desporto.





© Tokyo2020

Tóquio, a MetrÓpole

TÓquio é a capital do Japão. Localizada em Honshu, a maior ilha do país, a cidade conta com mais de 13 milhões de habitantes, sendo que a região metropolitana de TÓquio contabiliza 37 milhões de habitantes, o que a transforma na área urbana mais populosa do mundo. Situada a mais de 11.000 km de distância de Lisboa, TÓquio é um dos maiores centros financeiros mais relevantes à escala global que congrega a alta tecnologia à preocupação com a ecologia.

A Torre de TÓquio é um dos grandes ícones de uma metrópole com vista no horizonte para o famoso e sempre belo Monte

Fuji. Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos serão mais um marco relevante na história de TÓquio e do Japão, constituindo-se simultaneamente num legado de esperança e união no quadro do desporto mundial.

Esta é a segunda ocasião em que TÓquio acolhe os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. O ano de 1964 foi a estreia destas competições na capital japonesa, sendo que na época os Jogos Paralímpicos, ainda também conhecidos como Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, contaram com a participação de 378 atletas de 21 países.



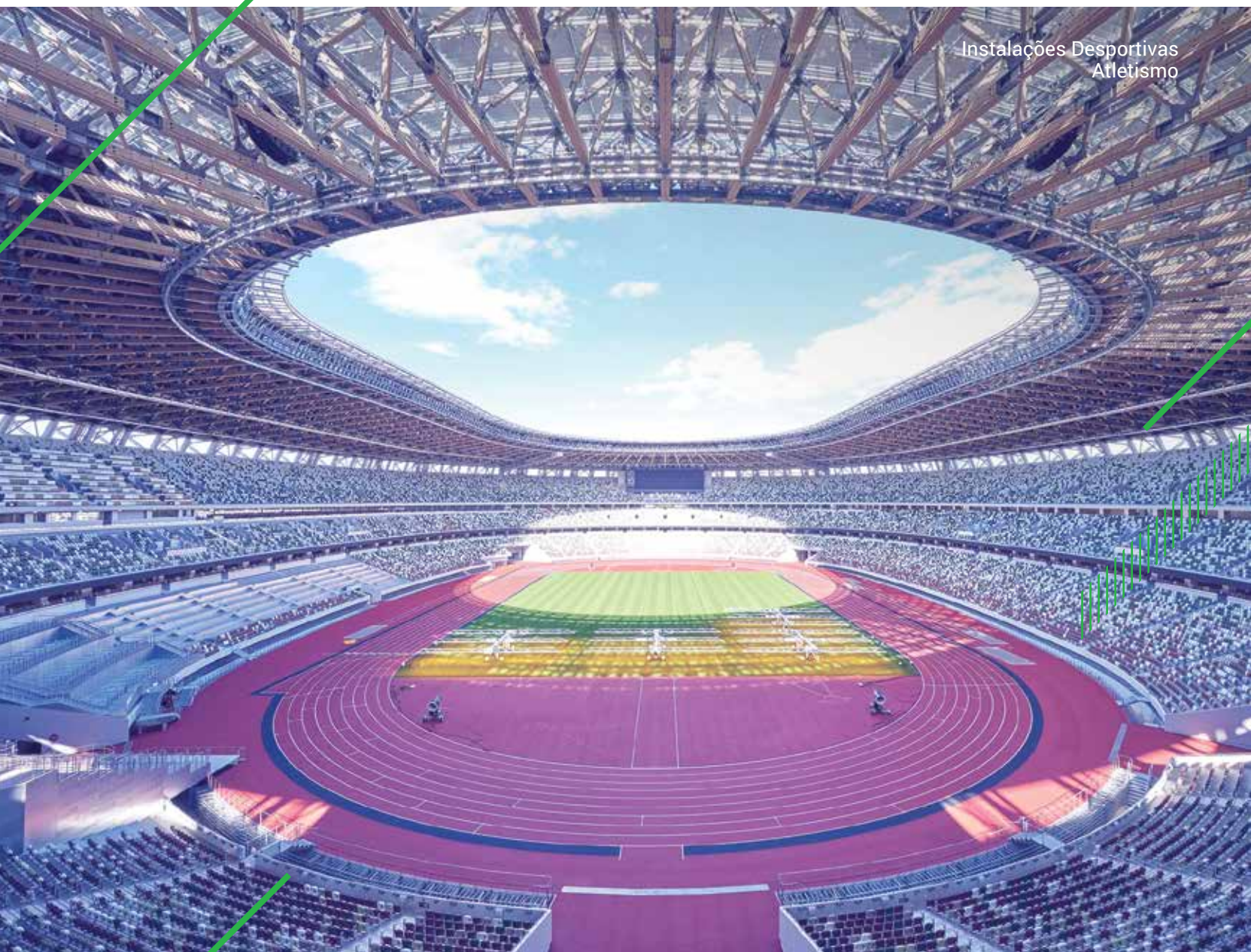
© Tokyo2020

EM FOCO

Aldeia Paralímpica

A Aldeia Paralímpica dos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020 está localizada ao largo da baía de Tóquio, mais precisamente na ilha de Harumi, numa extensão superior a 44 hectares. Será a casa das missões paralímpicas de todos os países que irão competir nos Jogos, num complexo habitacional composto por 21 edifícios e um total de 8000 camas disponíveis durante a competição. A edificação da Aldeia Paralímpica centrou-se no conceito de sustentabilidade inerente a Tóquio 2020, espelhado em pormenores peculiares tais como as camas feitas de cartão reciclável e altamente resistente.

A Praça Internacional da Aldeia Paralímpica é também pautada pela vertente ecológica. Toda a estrutura é feita de madeira cedida por 63 municípios japoneses e identificada, pedaço a pedaço, com a respetiva origem. Após o término da competição esta área será desmantelada e a madeira devolvida aos municípios que a cederam temporariamente para que possa ser reutilizada para outros fins.

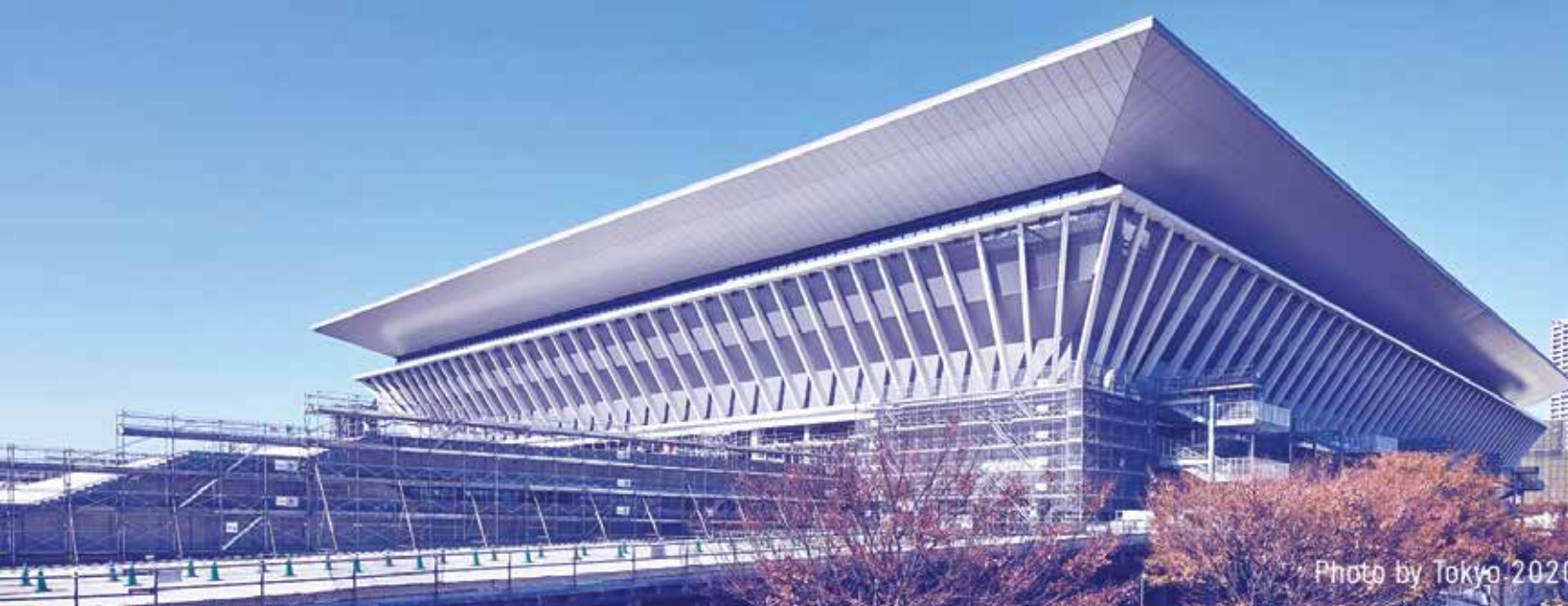


© Tokyo2020

Estádio Nacional de Tóquio

O Estádio Nacional de Tóquio é o grande palco dos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020. O recinto multidesporto já utilizado nos Jogos de Tóquio 1964 foi demolido e reconstruído com um novo design e materiais de última geração que o tornam numa infraestrutura com características de excelência para acolher as cerimónias de abertura e encerramento da competição e as provas de pista e campo da modalidade de Atletismo. Com capacidade para 68.000 espectadores, o Estádio Nacional de Tóquio tem um calendário competitivo preenchido nos Jogos Paralímpicos de Tóquio com as provas de Atletismo a decorrerem de 27 de agosto a 5 de setembro.

O Atletismo integra o quadro competitivo dos Jogos Paralímpicos desde a sua primeira edição em Roma 1960 e enquadra atualmente as deficiências visual, motora e intelectual. É a modalidade que envolve o maior número de atletas em Tóquio 2020 e também a que já deu mais medalhas a Portugal: 53 medalhas conquistadas desde a edição de Nova Iorque / Stoke Mandeville 1984. À data de edição desta publicação, Portugal contava já com 6 quotas conquistadas para Tóquio 2020 nesta modalidade.



© Tokyo2020

EM FOCO

Centro Aquático de Tóquio

O Centro Aquático de Tóquio foi construído de raiz no belo Tatsuminomori Seaside Park para receber uma das modalidades mais carismáticas dos Jogos Paralímpicos: a Natação. O recinto com capacidade para 15.000 espectadores é dotado da mais alta tecnologia com as paredes das piscinas móveis, blocos ajustáveis e profundidade que pode oscilar até aos 3 metros. A temperatura das piscinas é controlada através de um sistema geotérmico ecológico e o design do teto inspirado na imagem de um origami.

Na Natação, os estilos e as distâncias são diversos mas o objetivo é sempre terminar a prova no menor tempo possível. Cada centésimo conta nesta modalidade que abrange as deficiências visual, motora e intelectual num total de 14 classes desportivas e que será disputada de 25 de agosto a 3 de setembro. A natação portuguesa teve a sua estreia paralímpica em Barcelona 1992 e marcou presença em todas as edições de Jogos Paralímpicos desde então, contabilizando sete medalhas conquistadas. Em Tóquio 2020 Portugal tem até ao momento 5 quotas asseguradas.



© Tokyo2020

Centro Gímnico de Ariake

O Centro Gímnico de Ariake é uma arena de competição temporária situada na zona norte do distrito de Ariake, em Tóquio, com capacidade para 12.000 espectadores. A sua construção é um exemplo do conceito de sustentabilidade que incorpora os Jogos Paralímpicos Tóquio 2020 por ter a madeira como epicentro dos materiais utilizados, fator que assemelha esta arena de competição a um navio de madeira a flutuar ao largo da baía de Tóquio. Irá ser a casa da modalidade de Boccia nos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020, albergando também as três disciplinas da Ginástica na vertente Olímpica.

Singular no quadro do desporto para pessoas com deficiência, o Boccia destaca-se por integrar em exclusivo o calendário competitivo dos Jogos Paralímpicos. É destinado a praticantes com deficiência motora e engloba atletas com algumas das deficiências mais severas do desporto paralímpico. Baseia-se na estratégia, no pormenor e na concentração e já deu a Portugal um total de 26 medalhas. Em Tóquio 2020 Portugal vai apresentar-se com 10 atletas, o máximo permitido pelos regulamentos, que irão competir de 28 de agosto a 4 de setembro.



© Tokyo2020

EM FOCO

Pista Internacional de Fuji

A Pista Internacional de Fuji, normalmente utilizada em competições automobilísticas de velocidade, será o quartel-general da modalidade de Ciclismo nos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020. O recinto com capacidade para 22.000 espectadores fica a cerca de 100 km de Tóquio e está dotado das melhores condições técnicas, com uma pequena aldeia paralímpica nas suas imediações destinada a acolher atletas e técnicos da modalidade.

A vista para o belíssimo Monte Fuji é um excelente quadro de fundo para as provas da modalidade de irão decorrer de 31 de

agosto a 3 de setembro para atletas com deficiência motora e deficiência visual. Portugal terá em Tóquio a sua segunda participação em Jogos Paralímpicos no Ciclismo, tendo até à data uma quota assegurada na modalidade.

As 16 curvas do percurso, distribuídas ao longo de 4,5 km de extensão, serão o cenário perfeito para a competição nas vertentes de contrarrelógio individual e prova em linha das várias classes da modalidade que estarão em disputa por medalhas em território japonês.

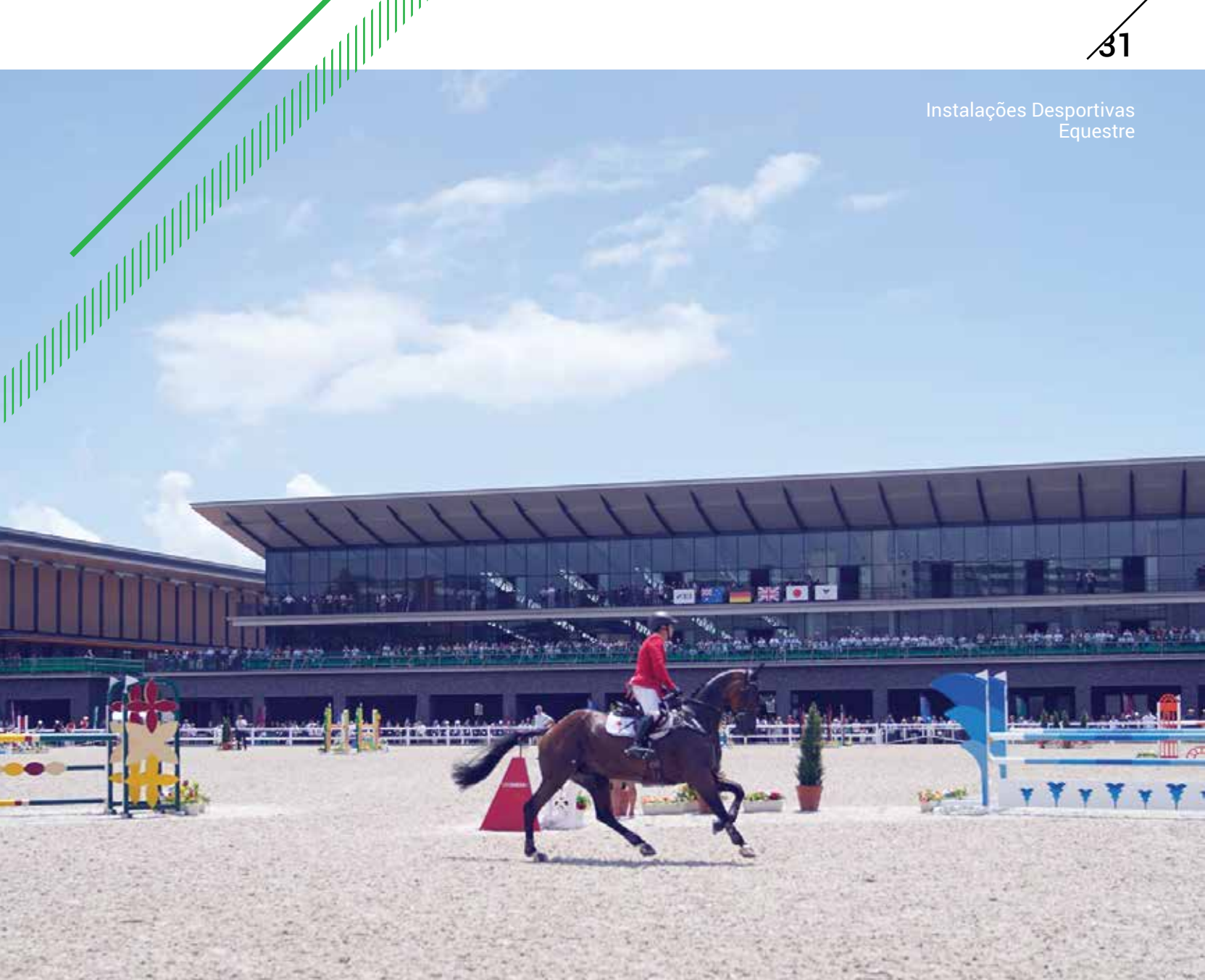


© Tokyo2020

Pista de Canoagem Sea Forest

Situada na zona central da capital nipónica, em plena baía de Tóquio, a Pista de Canoagem Sea Forest foi construída de raiz para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Tóquio 2020 e será palco das modalidades de Canoagem e Remo. O recinto com capacidade para 12.800 espectadores nas provas de Paracanoagem será preservado após os Jogos com a ambição de se tornar num local central de competições internacionais destas modalidades.

A Canoagem teve a sua estreia no calendário competitivo de Jogos Paralímpicos no Rio 2016 e em Tóquio 2020 conhecerá a primeira participação nacional. À data da publicação desta edição, Portugal tinha já uma quota assegurada na modalidade que será disputada de 2 a 4 de setembro.



© Tokyo2020

EM FOCO

Parque Equestre de Tóquio

O Parque Equestre de Tóquio foi palco dos Jogos de Tóquio 1964 e manteve-se até à atualidade em atividade como centro de promoção da modalidade Equestre e local de competições nacionais e internacionais. Alvo de contínuos trabalhos de remodelação para estar dotado das condições ideais em 2021, o recinto com capacidade para 9.300 espectadores irá receber as provas de Paradressage, disciplina paralímpica da modalidade Equestre exclusiva para atletas com deficiência motora, de 26 a 30 de agosto.

Utilizado ao longo do ano também pela população local para fins profissionais, recreativos e de lazer, o Parque Equestre de Tóquio tem uma área de 180.000 onde se incluem, para além da arena de competição, vários estábulos e edifícios de escritórios.

Portugal tem uma quota assegurada na modalidade Equestre até ao momento em Tóquio 2020, naquela que será a quarta participação consecutiva de cavaleiros nacionais em Jogos Paralímpicos, depois de Pequim 2008, Londres 2012 e Rio 2016.

A FECHAR

Missão Portuguesa em tempos de pandemia



Luís Figueiredo,
Vice-Presidente do CPP
Diretor Executivo da Missão
Portuguesa aos Jogos
Paralímpicos Tóquio 2020

“Dinâmica de trabalho tem-se mantido com o objetivo de garantir uma boa preparação da Missão Paralímpica Portuguesa”

Os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020 são uma realidade, embora pareça um paradoxo ter a data de 2020 quando se realizam em 2021. No entanto quer o Comité Olímpico Internacional (COI), quer o Comité Paralímpico Internacional (IPC), quer o Comité Organizador da competição mantiveram esta designação e assim serão referidos em tudo o que é comunicação, eventos, etc.

Embora alguns cétricos ainda não acreditem na realização dos Jogos, no entanto eles vão mesmo realizar-se e o Comité Paralímpico de Portugal tem mantido a dinâmica de trabalho com o objetivo de garantir uma boa preparação da Missão Paralímpica Portuguesa.

Apesar de todas as dificuldades que têm existido no último ano, quer a organização dos Jogos quer a preparação da missão tem preservado essa dinâmica, com o apoio de todos os intervenientes (colaboradores do Comité Paralímpico de Portugal e dirigentes da Comissão Executiva).

Como todos sabemos os laços de amizade entre Portugal e o Japão têm quase 500 anos existindo no Japão uma admiração enorme por tudo o que é português ou que vem de Portugal, portanto o Comité Paralímpico de Portugal preocupa-se para que a imagem de Portugal no Japão continue a manter esta admiração.

Desde a primeira hora que o Comité Paralímpico pediu a colaboração da Embaixada de Portugal em Tóquio para nos ajudar a encontrar em primeiro lugar uma cidade que estivesse disponível para albergar a Missão Portuguesa com vista à realização de um estágio para a aclimatização e adaptação ao país, o que se veio a verificar na cidade de Fujisawa, situada na província de Kanawaga a cerca de 1 hora e 30 minutos da aldeia paralímpica, e também que nos ajudasse a procurar apoios de empresas para a Missão Portuguesa. Na realidade a embaixada de Portugal, através do seu embaixador e de um alto responsável da embaixada (Dr. Óscar Hioki) foram de uma colaboração extrema em tudo o que o Comité solicitou. Desde já, o nosso obrigado.

As preocupações iniciais prenderam-se com o clima que a Missão irá encontrar em Tóquio. Como sabemos a cidade de Tóquio no verão é extremamente húmida com a temperatura a chegar aos 32º graus e a humidade a rondar os 90% o que torna a permanência na rua muito desconfortante, portanto a escolha da qualidade do tecido e das cores para produção do traje oficial de Portugal foi uma preocupação enorme da Chefia de Missão e pensamos que irá ser do agrado de todos, o produto final.

Outro aspeto da preocupação da Chefia de Missão tem a ver com a procura da melhor localização para toda a Missão na aldeia paralímpica. Não é novidade para ninguém que existem

áreas na aldeia que não são aconselháveis, como por exemplo as zonas centrais ou os andares muito altos, dada a dificuldade de utilização dos elevadores. A Organização local limitou ao décimo andar a presença dos países e Portugal (a Chefia da Missão) fez um esforço diplomático para que a equipa ficasse o mais próximo possível dos primeiros andares.

Estas duas áreas foram aquelas que inicialmente preocuparam a Chefia de Missão, mas outras houve e há que também nos preocuparam e preocupam ainda, principalmente quando em 2020, e por causa da pandemia, se começou a falar no adiamento e até cancelamento dos Jogos. Poderei dar alguns exemplos: Como será a preparação dos atletas enquanto não for definida a realização dos Jogos? Os contratos de fornecimento dos serviços para a Missão, mantemos ou cancelamos?

Após a hesitação inicial, e vendo a determinação do Comité Organizador Local em manter a realização dos Jogos para 2021, também a Chefia de Missão reativou todos os procedimentos para a realização da Missão.

Foi necessário estabelecer a composição da Missão para apoiar os técnicos e atletas, e para isso criámos a equipa médica e a equipa administrativa. Assim, desenvolvemos o livro da missão que será apresentado aos elementos integrantes dentro de pouco tempo e onde todos saberão dos deveres, obrigações e direitos estabelecidos.

Encetámos contactos com a Chefia de Missão do Comité Olímpico de Portugal para criar sinergias, com vista a rentabilizar os meios disponíveis. Iremos partilhar o contentor que levará equipamento pesado para as duas missões, iremos partilhar também algumas peças de decoração dos apartamentos na aldeia paralímpica e até partilhamos informação disponível pelo Comité Organizador local, para que saibamos com o que contar.

Uma outra área muito sensível à chefia de missão, foi como vamos para Tóquio? Que data escolher? Que percurso? Que aeroporto?

Após a Chefia de Missão ter decidido a cidade onde ficar para o estágio de aclimatização e adaptação, tomou também a decisão da data de partida, do percurso a utilizar e que

aeroporto escolher. Se em relação ao aeroporto a decisão tomada não sofrerá alterações, já a data de partida inicial foi revista e tal como o percurso (transfer) ainda não está fechada.

Estes dois aspetos não estão fechados porque, entretanto, o Comité Organizador Local procedeu a alterações na chegada das comitivas à aldeia restringindo a sua permanência, quer à chegada, quer na partida, só permitindo a entrada cinco dias antes do início da competição onde o atleta compete e obrigando à saída até 48 horas após o término da sua última prova.

Aproximam-se as grandes decisões, nos próximos dois meses receberemos a informação completa sobre o processo de vacinação e controlo e verificação das Missões dos vários países que irão participar nos Jogos, e a decisão sobre a presença de público estrangeiro nos eventos.

Uma realidade incontestável é que estes Jogos não serão em nada parecidos com o que habitualmente víamos e o futuro dos Jogos também irá ser equacionado em próximos eventos como por exemplo Paris 2024.

Da parte portuguesa, uma verdade incontestável: a Chefia de Missão e os elementos de ligação estão a fazer todos os esforços para que a participação portuguesa seja um orgulho da representação de Portugal no Japão.

Desejamos o maior sucesso aos atletas que irão participar e sejam bem-vindos os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020.



Reunião Anual de Atletas do Programa de Preparação Paralímpica realizada em fevereiro de 2020

AGENDA

Tóquio aqui tão perto

Torneios internacionais e taças do mundo, campeonatos da Europa prometem aquecer os meses antecedentes aos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020. Tempo para regressar à competição e dar o melhor para garantir a presença na maior competição desportiva à escala planetária, onde todos querem estar.



© Carlos Portela/Jantex Portugal

MARÇO

11 - 13

Campeonato da Europa de Atletismo VIRTUS
Nice, França

15 - 26

Taça do Mundo de Tiro WSPS
Al Ain, EAU

29 - 04 ABR.

Internacional de Badminton BWF
Dubai, EAU

ABRIL

11

Maratona de Roterdão
Roterdão, Países Baixos

23 - 25

Internacional de Paradressage CPDI3
Waregem, Alemanha

MAIO

6 - 8

Taça do Mundo de Paraciclismo
Ostende, Bélgica

10 - 16

Internacional de Badminton
Cartagena, Espanha

13 - 16

Internacional de Paradressage CPDI3
Deauville, França

14 - 16

Taça do Mundo de Paracanoagem
Szeged, Hungria

16 - 22

Campeonato da Europa de Natação
Funchal, Portugal

24 - 25

Grand Prix de Judo
Baku, Azerbaijão

O DESPORTO TEM TODO O NOSSO APOIO

Ser o maior patrocinador do desporto em Portugal é mais do que apoiar competições: é estar ao lado das Federações quando é preciso, promover o desenvolvimento contínuo das modalidades e apoiar incondicionalmente o talento dos nossos atletas. Todos os dias.

O DESPORTO TEM TODO O NOSSO APOIO.

Apoiamos
2 Comités, Olímpico e Paralímpico
16 Federações Desportivas
99 Seleções Nacionais

 **JOGOS**
SANTACASA



Miguel Monteiro é o novo recordista do mundo do lançamento do peso da classe F40 com a marca de 11,01 metros

